



### ***Snowden, herói ou traidor. O mais novo filme de Oliver Stone***<sup>1</sup>

Jorge Moreira



*Snowden, herói ou traidor* é um filme biográfico de suspense político dirigido por Oliver Stone. O roteiro foi escrito por Stone e Kieran Fitzgerald e é baseado em dois conhecidos livros: *Time of the Octopus* (A Hora do polvo), do advogado e autor russo Anatoly Kucherenka e *The Snowden Files: The Inside Story of the World's Most Wanted Man* (Os arquivos de Snowden: Por dentro da história do homem mais procurado do mundo) do jornalista Luke Harding. Também ficará claro, para aqueles que assistiram ao premiado documentário de Laura Poitras, *Citizenfour*, sobre Edward Snowden, as aproximações do filmes de Stone.

O filme de Oliver Stone, paralelamente, trata de representar a história do famoso funcionário da **Agência Nacional de Segurança** dos EUA (*The National Security Agency, NSA*) que teve a coragem e a força moral/política, para vaziar as informações secretas (sob a forma de milhares de documentos classificados distribuídos para a imprensa e a opinião pública mundial) do gigantesco sistema de espionagem ilegal contra os cidadãos de dentro e fora dos EUA.

A película se concentra então no desenvolvimento profissional de Snowden (interpretado por Joseph Gordon-Levitt): um indivíduo que, no início da sua carreira, se encontrava profundamente convencido do discurso oficial do governo sobre a necessidade e a integridade da espionagem estadunidense, mas que vai se transformando, no decorrer do processo, num brilhante profissional, profundamente desiludido com a falsidade, a ilegalidade e a corrupção do trabalho de espionagem dentro da organização de inteligência e do governo dos EUA. Sua decepção com o sistema e a sua coragem, o levaram a abandonar o trabalho da Segurança Nacional dos EUA, na companhia **Booz Allen Hamilton**, quando toma consciência de que a montanha de técnicas e programas de espionagem eletrônica

---

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente no Blog Novas pensatas de Jonga Olivieri.



ilegais e antidemocráticas estão sendo montadas pela NSA para espionar todas as formas de comunicação digital no planeta Terra (não somente de grupos terroristas, mas de grupos de indivíduos de dentro e fora dos EUA). É através das denúncias de Snowden, mostradas no filme, que ficamos sabendo que o objetivo central do serviço de inteligência dos EUA é, acima de tudo, espionar os governantes e as autoridades dos países estrangeiros, com a finalidade do controle geopolítico e/ou dominar do ponto de vista econômico suas riquezas naturais (petróleo, gás, minério) e suas populações.

O filme também mostra que quando Snowden começa a vaziar a informação classificada (revelando o caráter antidemocrático, autoritário e totalitário da administração dos presidentes George W. Bush, Barack Obama e das autoridades do governo) a mídia corporativa dos Estados Unidos executa uma campanha com propaganda massiva para denegrir a imagem de Edward Snowden, o demonizando como traidor, bandido e fora da lei.

Apesar da massiva campanha para denegrir Snowden e prendê-lo como fora da lei, este, com a ajuda do pessoal do *Wikileaks*, (e dos jornalistas Laura Poitras e Glenn Greenwald que lhe entrevistavam), conseguiu esconder-se nos bairros baixos da cidade de Hong-Kong, para logo escapar de avião para a Rússia.

O espectador poderá perceber que o roteiro está estruturado a partir de duas dimensões temporais. Ele tem seu início no presente (junho de 2013) quando a documentarista Laura Poitras (interpretada por Melissa Leo) reúne-se com o colunista Glenn Greenwald (interpretado por Zachary Quinto) e o jornalista Ewen MacAskill (interpretado por Tom Wilkinson) do jornal *The Guardian* em um hotel em Hong-Kong, na China. Ali, no *lobby* deste hotel, os jornalistas são atendidos por Edward Snowden (Joseph Gordon-Levitt); que logo leva os jornalistas ao seu quarto para começar a documentar todas as informações com os três jornalistas, os ajudando a informar a população em todo o mundo.

O filme também mostra, através de constantes *flashbacks*, a história passada de Edward Snowden, ocorrida em várias épocas de sua formação profissional na área da espionagem. Em 2004, Snowden alistou-se nas Forças Especiais (nos EUA); em 2006, Snowden começou a treinar para uma posição na *Agência Central de Inteligência*; em 2007, Snowden, vai para a Europa com a finalidade de manter a segurança da rede de informática em Genebra, Suíça; em 2009, Snowden se encontrava em Tóquio, Japão, trabalhando na *Dell* como um supervisor que fazia atualizações do sistema de computadores da NSA. Em 2012, Snowden trabalhava para Booz Allen Hamilton no Havaí, onde (através dos seus vínculos com a NSA), começa a observar o trabalho que ele achava perturbador, no



qual, finalmente compreendeu que o governo dos EUA estava espionando ativamente todas as pessoas através de uma série de programas, incluindo PRISM<sup>1</sup>. Os *flashbacks* também nos mostram alguns momentos de Snowden fora do trabalho de espionagem, quando ele bate papos *online* com a sua futura namorada Lindsay Mills (Shailene Woodley); quando ele e Lindsay se encontravam para caminhar ao redor de parques nos EUA, na Europa, no Japão ou no Havaí.

O filme revela o significado das operações dos gigantescos programas de espionagem do governo dos EUA, tais como o PRISM<sup>2</sup> que é um dos programas do sistema de vigilância global da NSA. Assim, no filme de Stone, ficamos sabendo que este e outros programas foram mantidos em segredo desde 2007, até que finalmente Snowden fez a sua revelação para a imprensa, em junho de 2013. Assim, a sua existência só veio a público por meio das publicações feitas pelo jornal britânico *The Guardian*, com base nos documentos fornecidos por ele.

O que me parece mais importante, nesta resenha que escrevo, é chamar a atenção dos brasileiros para a necessidade de assistir ao filme de Oliver Stone porque é necessário entender como as denúncias de Snowden representadas neste filme, permitem esclarecer e explicar o porquê e como o Brasil se transformou na vítima favorita de espionagem da NSA. E permite esclarecer o porquê e como a NSA grampeou o sistema de comunicação da presidente Dilma Rousseff, da Petrobras [a maior companhia do país, responsável por quase 20% do produto interno bruto (PIB) do Brasil, e uma das maiores empresas de petróleo e de energia do mundo] e de outras poderosas organizações brasileiras com a finalidade de ajudar as companhias de energia dos EUA (*The Big Oil*) a tomar o controle da Petrobras e do Pré-Sal. Assim, o plano dos EUA não somente para desestabilizar Dilma Rousseff, como para criar as condições favoráveis ao golpe de estado de Michel Temer (PMDB) e José Serra (PSDB) contou com a espionagem da NSA que começou a existir antes de 2014. Assim, a espionagem da Petrobras como a do governo brasileiro, foram denunciadas não somente por Edward Snowden como pelo *WikiLeaks* de Julian Assange. Como sabemos, até o celular da ex-presidente Dilma Rousseff foi espionado pelos EUA. E essa espionagem foi denunciada corajosamente pela ex-presidente Rousseff na Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU) para toda a opinião pública mundial.

---

<sup>2</sup> PRISM é o nome dado a um programa de vigilância eletrônica clandestino operado pela Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos (NSA) para a recolha massiva de comunicações de pelo menos nove grandes empresas norte-americanas de internet: Facebook, Google, Microsoft, Yahoo, Youtube, AOL, Skype, Paltalk e Apple.



Assistindo ao filme, aquela pergunta que muitos brasileiros fizeram, “porque vasculhar a Petrobras?”, recebe uma resposta quase transparente e contundente: porque a Petrobras descobriu, até agora, a maior reserva de petróleo do século XXI, pois como já sabemos, o Pré-Sal foi descoberto na costa atlântica do sudeste do Brasil, e o ex-presidente Lula organizou toda a exploração dessas fabulosas reservas de petróleo para ser administrada pelo monopólio da Petrobras. Assim, a descoberta, a exploração e o lucro do Pré-Sal seriam exclusivas da Petrobras e dos brasileiros. Mas isso era inaceitável para as companhias multinacionais de petróleo (*The Big Oil*) dos EUA. E assim, por iniciativa e cumplicidade da administração do presidente Barack Obama, do vice presidente Joe Biden e de Hillary Clinton, o SNA começou a espionagem dentro da Petrobras. Com as informações obtidas através desta espionagem, foi relativamente fácil transformá-las na operação “Lava Jato”. A administração dos EUA, precisava contar com a ajuda de parte do sistema judiciário brasileiro, daquele que pudesse se moldar aos interesses dos EUA. E não foi difícil para o governo estadunidense encontrar um juiz no Paraná, que já havia trabalhado no Departamento de Estado dos EUA. E de um dia para outro entregaram nas mãos do Juiz Sergio Moro uma quantidade gigantesca de informações sobre o que se passava secretamente entre as camadas mais altas da Petrobras e as organizações políticas e empresariais do Brasil.

Por último, gostaria de mencionar que, o filme também nos dá pistas para entender e explicar porque atualmente um grupo de brilhantes funcionários ligados aos serviços de inteligência dos EUA (tais como Steve Pieczenik e o matemático William Binney) , por um lado, vazaram para Julian Assange, as informações contidas nos e-mails particulares e secretos da candidata Hillary Clinton: e-mails que evidenciavam a gigantesca corrupção de Hillary Clinton e da Fundação Clinton dentro do governo democrata de Barack Obama quando era Secretária de Estado desta administração. E por outro lado, este grupo de funcionários, obrigaram o chefe do FBI, James Comey, a abrir um expediente para investigar as irregularidades e as supostas atividades criminais da candidata Hillary Clinton no uso das informações classificadas do governo estadunidense. Tudo isso com a cumplicidade de Barack Obama, da Procuradora Geral da República, Loretta Lynch e do diretor do FBI, James Comey.

Assim, vendo o filme, o público em geral também poderá, indiretamente, entender porque as denúncias de desonestidade, de corrupção e das atividades criminais de Hillary Clinton, do governo Obama e do Partido Democrata foram um dos componentes cruciais da derrota de Hillary Clinton nestas eleições presidenciais nos EUA.